

Bancos levam à Justiça donos bilionários da Americanas

Rombo financeiro Batalha jurídica

Bancos querem responsabilizar acionistas da Americanas

Em ações na Justiça, maiores credores miram o trio Lemann, Telles e Sicupira

MATHES PIOVESANA
ALTAMIRO SILVA JÚNIOR

A batalha jurídica entre os principais acionistas da Americanas e seus credores ganhou força com a tentativa dos bancos de responsabilizar diretamente o trio de acionistas Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira pelo rombo de caixa da varejista – que ontem entrou com pedido de extensão de concordata nos EUA (mais informações nesta página).

Em conversas reservadas com o Estadão, representantes de bancos credores afirmaram não acreditar na versão de que o comando da Americanas não soubesse das fraudes na contabilidade da companhia. Eles apontam uma sequência de fatos recentes que, vistos de trás para frente, deixam as instituições financeiras com descon-

fianças em relação à versão dada pelos maiores acionistas.

São eles: em 2021, Lemann, Sicupira e Telles deixam o controle da empresa, depois de quase 40 anos à frente da Americanas. No ano seguinte, os principais executivos da companhia vendem suas ações e embolsam bônus muito acima do que outras empresas do setor pagavam; neste ano, Miguel Gutierrez, depois de 20 anos como CEO da Americanas, deixa o comando e dá o lugar a Sérgio Rial – ex-CEO do Santander e membro do conselho do banco até o começo deste ano. Em apenas nove dias depois de assumir a presidência da varejista, Rial afirmou ter descoberto uma fraude bilionária, que chamou de “inconsistências contábeis”, e deixou a companhia.

Os banqueiros dizem que a história toda é muito estranha, não sabem o que aconteceu na companhia, mas acham que Le-

mann, Sicupira e Telles têm responsabilidade e querem forçá-los, por meio da Justiça, a cobrir o rombo aberto na Americanas.

Esse movimento não deve se limitar aos tribunais brasileiros. O Bradesco, que já entrou na Justiça do País pedindo que os principais acionistas prestem depoimento, trabalha com seus advogados para entrar com processos também nos Estados Unidos e na Europa. Seria o primeiro desdobramento jurídico do caso Americanas envolvendo um credor da companhia no exterior, em uma escalada de disputas entre os bancos e a companhia mesmo após a Justiça do Rio ter validado o pedido de recuperação judicial.

Nos dias seguintes ao anúncio da “inconsistência”, os bancos credores passaram a pressionar o trio de investidores a injetar mais dinheiro na companhia, mas não houve acordo. Lemann, Telles e Sicupira acenaram com R\$ 6 bilhões, muito aquém dos R\$ 15 bilhões estimados pelos bancos, e ainda condicionaram um eventual acordo à transformação de parte das dívidas em ações da própria companhia.

‘LEVIANO’. As relações azedaram de vez depois que os acionistas publicaram nota, no domingo, para dizer que não tinham conhecimento do rombo e sugerir que os bancos credores também teriam responsabilidade no caso, por não terem encontrado antes indícios de irregularidades nos balanços. O Itaú Unibanco, credor de R\$ 2,9 bilhões, classificou a sugestão como “leviana”, enquanto o Bradesco (R\$ 4,8 bilhões a re-

Varejista pede extensão de recuperação judicial nos Estados Unidos

A Americanas entrou com pedido de extensão da recuperação judicial nos Estados Unidos com base no chamado “Chapter 15” – regra que permite que companhias estrangeiras tenham seus processos de recuperação reconhecidos nos EUA – protegendo, assim, ativos que estejam no país. A varejista tem US\$ 1 bilhão em títulos de dívida emitidos lá fora.

ceber) disse que era uma tentativa de “desviar a atenção do problema central, ou seja, a falta de consistência dos números das demonstrações financeiras e as responsabilidades dos seus dirigentes sobre tal fato”.

Com uma fortuna conjunta estimada em R\$ 160 bilhões, Lemann, Telles e Sicupira lideram a lista dos mais ricos no

Suspeita Bancos colocam em xeque versão de que acionistas não tinham conhecimento do rombo

País, segundo o ranking da Forbes. Até então, gozavam de prestígio no mercado pelo sucesso de empreitadas bilionárias como a criação da Ambev e, posteriormente, da Anheuser-Busch InBev (soma da belga Interbrew com a Ambev).

VITÓRIA. Numa decisão vista como importante pelo mercado, o Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) deu ontem prazo de cinco dias para que a Americanas apresente uma série de documentos sobre sua situação financeira nos últimos cinco anos. A decisão veio em ação protocolada pelo Itaú, que havia pedido um prazo até menor, de 48 horas.

A Americanas também terá de enviar à Justiça cópias de todos os e-mails trocados por Gutierrez e Fábio Abrate, ex-diretor financeiro, nos últimos cinco anos que tratem do endividamento da companhia ou de suas demonstrações contábeis. O TJ-SP negou, porém, pedido do Itaú para que “controladores e outros executivos ligados à gestão” fossem ouvidos.

Assim como o Santander, em outra ação o Bradesco pediu que a Justiça tome o depoimento de executivos e membros do conselho de administração da Americanas, incluindo não só Gutierrez, mas também Sicupira e Paulo Alberto Lemann, representante de Jorge Paulo Lemann no colegiado. Sicupira já foi presidente da Americanas entre 1983 e 1991 e, como um dos integrantes do conselho de administração, é visto no mercado como um dos mais próximos da operação no dia a dia.

Já o BTG Pactual obteve ontem no Superior Tribunal de Justiça (STJ) liminar para manter bloqueado R\$ 1,2 bilhão em recursos para liquidar dívidas da empresa. Na relação de credores, o BTG aparece com um saldo a receber de R\$ 3,5 bilhões. ●

estadão digital #erika@libris.com.br

Lista de credores apresentada à Justiça gera dúvidas e dívida pode ser maior

A lista de credores da Americanas pode não refletir a dívida da varejista e já foi questionada por dois bancos, Deutsche Bank e BV. Diante de inconsistências nos dados e da falta de informações ao longo das últimas semanas, bancos credores não descartam que a empresa tenha de fazer ajustes importantes. Nos bastidores, houve espanto com o nível de divergência das informações, que chegam a bilhões de reais.

Desde que informou ao mercado um rombo contábil de R\$ 20 bilhões, no último dia 11, a Americanas deu poucas informações oficiais sobre o real estado de suas finanças.

Na recuperação judicial, pediu proteção contra R\$ 43 bilhões em dívidas, montante que caiu em cerca de R\$ 2 bilhões na lista de credores apresentada à Justiça. Há pouca certeza de

que o volume continuará igual.

Segundo uma pessoa com conhecimento da situação, mas que preferiu não ser identificada, a empresa ainda trabalha para entender o tamanho das inconsistências em seu balanço. Certo é que se descobriu que o modelo de negócios que a Americanas apresentava ao mercado não era real e que, para parar em pé, a empresa terá de repensar toda sua estrutura.

Sérgio Rial, ex-CEO que deixou o cargo ao informar o mercado sobre as inconsistências nove dias após assumir a empresa, disse a investidores do BTG Pactual na semana passada que não podia afirmar que não haveria mais falhas. “Não estou na posição para afirmar que é fraude”, disse na ocasião.

Nos bastidores, os bancos afirmam que sim, foi fraude. Para o executivo de uma instituição

Débitos

Instituições financeiras têm mais a receber

● Bancos

Os bancos são os maiores credores da Americanas. O Bradesco lidera a lista com crédito de R\$ 4,8 bilhões a receber da companhia. Com o Santander Brasil, os débitos são de R\$ 3,6 bilhões. Já o BTG Pactual é credor de R\$ 3,5 bilhões. Estão na lista ainda o Itaú Unibanco (R\$ 2,9 bilhões), Banco do Brasil (R\$ 1,3 bilhão), Daycoval (R\$ 509 milhões), Caixa Econômica Federal (R\$ 501 milhões), Banco ABC Brasil (R\$ 415,6 milhões) e BNDES (R\$ 276 milhões).

● Fornecedores

Entre os fornecedores há dívidas com a Samsung (R\$ 1,2 bilhão) e com as fabricantes de chocolates Nestlé (R\$ 259 milhões) e Ferrero Rocher (R\$ 14,8 milhões).

● Tecnologia

Gigantes de tecnologia mundial também estão na lista. Para o Google, a varejista deve R\$ 94 milhões; para a Apple, R\$ 98,6 milhões; e para o Facebook, R\$ 11,4 milhões.

● Mesmo dono

Para a Ambev, que tem entre seus principais acionistas o trio de investidores de referência da Americanas (Jorge Paulo Lemann, Carlos Sicupira e Marcel Telles), a varejista deve R\$ 4 milhões.

credora, apesar dos processos, a varejista não trouxe outra informação estruturada, e os números estão mudando bastante. Com os cinco maiores bancos do País, a empresa teria uma dívida de R\$ 13 bilhões.

DIVERGÊNCIAS. A Americanas apresentou em processos abertos na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) números diferentes dos informados à Justiça. Na CVM o montante é de R\$ 35 bilhões.

A principal diferença é a ausência do Deutsche Bank. O banco havia sido classificado como o maior credor da companhia na lista apresentada mais cedo ontem, com R\$ 5,2 bilhões, mas depois esclareceu que não concedeu crédito à Americanas, apenas é agente fiduciário de títulos de dívida estrangeiros. No BV, a conta foi inflada em mais de R\$ 3 bilhões com a contabilização indevida de debêntures da companhia distribuídas pelo banco, segundo pessoas a par da situação. O banco, na verdade, teria crédito a receber bem menor, de R\$ 206 milhões. ● MP, TN e A.S.J.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Negócios **Caderno:** B **Página:** 8